

EDITORIAL

De cada um, o máximo

Tempo de democracia é, em um só momento, tempo de liberdade e de responsabilidade. É um tempo em que há canais e instrumentos legítimos para veicular e realizar as aspirações da sociedade, mas é também um tempo em que os conflitos internos desta se revelam e exacerbam. Mais sério ainda, esse tempo chega quando há um represamento da satisfação de necessidades e aspirações — seja por falta ou mau uso de meios — crônico para alguns setores da sociedade, agudo para outros.

Nesta difícil situação não temos, propriamente, uma luta de classes — temos uma luta de setores, de corporações. O movimento da teia construída por uma aranha drogada, em que cabos desiguais são puxados ao mesmo tempo, em todas as direções: os cabos mais fortes se aguentam, os mais fracos se rompem e a teia é destruída — e de que vale ser o cabo forte em uma teia rompida?

Momentos como o atual duram pouco: talvez meses, talvez uns poucos anos. Muitos o vêem como um momento em que é preciso puxar, arrancar, conseguir. Eu vejo este como um tempo em que devemos, sim, servir e trabalhar: cada qual fazendo o máximo, minimizando os pleitos egoísticos. Afinal, a esperança é que não se trate de cada-um face à madrasta república mas de todos formando a Nova República. Não se trata da “cosa nostra” e sim, da coisa comum.

Fernando Galebeck